

DIRSI – Rede Diálogo Regional sobre Sociedade da Informação
Quarta Convocatória
Concurso Projetos de Investigação para Jovens Pesquisadores 2010:
Estratégias para o desenvolvimento da Sociedade da Informação entre os
setores de baixos recursos na América Latina e Caribe

**Telefonia móvel e questões de gênero: aspectos socioculturais da
apropriação de telefones celulares entre mulheres em situação de
vulnerabilidade social**

Pesquisadora: Sandra Rubia Silva

Resumo

Esta é uma proposta de investigação que visa contribuir com um campo de investigação que se debruça sobre um fenômeno fascinante: o crescimento exponencial no uso de telefones celulares pelos mais variados segmentos da população, em todo o planeta. Em especial no que tange aos segmentos menos favorecidos economicamente da população, o telefone celular, pelo custo bem mais baixo em relação a computadores e pela facilidade propiciada pelos planos pré-pagos, têm se constituído uma porta de entrada ao universo das tecnologias de comunicação e informação e, portanto, possui um importante papel na inclusão digital dessas populações. Os estudos que enfocam os telefones celulares e seu papel para o desenvolvimento econômico, que têm se pautado por um necessário viés quantitativo, lograram demonstrar, como nos estudos de Barrantes e Galperín (2008), Castells et al (2007) e Bonina (2008) que as altas tarifas praticadas pelas operadoras em países da América Latina constituem um impedimento para que as populações de renda mais baixa possam exercer mais plenamente seu direito à comunicação. Entretanto, como demonstra o estudo de Bar, Pisani e Weber (2007), através de estratégias e táticas de criatividade e subversão o poder das operadoras é constantemente desafiado. Ocorrem processos de apropriação criativa, nos quais os usos originalmente pensados pelos desenvolvedores de produtos e serviços de telefonia móvel são adaptados pelos usuários.

Em minha própria tese de doutorado sobre a apropriação de telefones em um bairro de camadas populares da cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil (Santos, 2010) pude constatar o quanto a apropriação do telefone celular impacta nos mais variados aspectos da vida social – desde as relações entre gêneros e gerações, passando pela percepção dos atores sociais enquanto sujeitos que passam a pertencem, através do consumo do telefone celular, à lógica da alta modernidade, até a influência das tecnologias móveis nas práticas associadas à religiosidade. O que instiga meu interesse neste projeto é aprofundar o estudo de

fenômenos relacionados à apropriação de telefones celulares por mulheres, com os quais me deparei em meu trabalho de campo para a tese. Naquela investigação, analisei, por exemplo, a apropriação dos telefones celulares como ferramenta de vigilância dos homens sobre as mulheres – estes buscam controlar seus corpos e, portanto, garantir sua fidelidade através do constante monitoramento por chamadas via celular. Entretanto, como bem argumenta Fonseca (2000) em seu estudo sobre relações de violência e gênero em grupos populares, as mulheres não se submetem passivamente a este jogo de controle: buscam brechas, saídas e, de sua própria forma, também contra-atacam elaborando práticas para vigiar os companheiros através de seus próprios celulares. Nos relatos de minhas interlocutoras, o papel do telefone celular nos cuidados com os filhos igualmente surgiu de maneira importante, em especial no sentido do uso do telefone celular para verificar o bem-estar dos filhos enquanto a mulher está trabalhando fora do ambiente doméstico. Em muitos casos, nos bairros de camadas populares, o número de creches é insuficiente para atender a demanda e, no caso de crianças em idade escolar, o fato de as escolas não oferecerem estudos em período integral obriga as mães a deixarem as crianças sozinhas em casa enquanto trabalham fora, já que os baixos salários não permitem o pagamento de outra pessoa para cuidar das crianças. Edinéia, mãe de quatro filhos, uma de minhas principais interlocutoras durante o trabalho de campo que resultou em minha tese, relatou-me que teve necessidade de comprar um celular para seu filho mais velho (hoje com 18 anos) quando este tinha apenas sete anos de idade: foi a única forma que encontrou para sentir que, se alguma forma, estava cuidando da criança, que permanecia em casa sozinha acompanhada dos irmãos ainda mais jovens. Por fim, outro fenômeno observado que gostaria de investigar mais a fundo foi a formação de redes de apoio entre mulheres através do uso de telefones celulares. A mais significativa de tais redes possuía caráter religioso, sendo constituída por membros de uma igreja pentecostal – Assembléia de Deus – que tinham como prática enviar mensagens de texto (SMS) com conteúdo bíblico como forma de apoio emocional. Em especial no caso de líderes religiosas (como no caso de Edinéia, que é esposa de um pastor) o uso do celular era constante: Edinéia possuía três celulares e duas baterias, pois nunca podia ficar indisponível para as fiéis. Edinéia colocava seu número à disposição para membros e não-membros da Assembléia de Deus, que podiam buscar apoio emocional a qualquer hora do dia ou da noite em momentos de crise – como, por exemplo, mulheres sofrendo situação de violência doméstica ou com familiares envolvidos com consumo de drogas.

Apresento a hipótese de que tais dinâmicas devem se repetir em outros contextos de dinâmica social em bairros populares e, nesse sentido, proponho-me investigar tais dinâmicas de apropriação de tecnologias móveis entre mulheres em situação de vulnerabilidade social, moradoras da Vila Sandra, localidade de mais de sete mil habitantes, um dos mais populosos bairros de camadas populares da cidade de Curitiba. Como a apropriação do telefone celular por essas mulheres têm modificado as relações com seus companheiros, namorados ou maridos? Que impactos têm tido nos cuidados com seus filhos? Como o uso do telefone celular contribui para o bem-estar social na Vila Sandra, um bairro que, como outros de camadas populares (Zaluar, 2004) enfrenta problemas de violência e tráfico de drogas? Como o alto custo da telefonia móvel no Brasil influencia seus padrões de uso? Por fim, possui o telefone celular na Vila Sandra um papel preponderante como facilitador na geração

de renda para as mulheres que lá vivem? São essas questões-chave que esta investigação buscará responder.

Justificativa

É no âmbito de investigações que buscam analisar a apropriação de telefones celulares por populações de baixa renda através de uma abordagem antropológica – tal como o estudo de Mujica (2007) sobre os mercados informais de telefones celulares de Lima, no Peru, e das estratégias utilizadas pelos atores subalternos para fazer frente aos altos custos dos aparelhos e serviços – que esta proposta de trabalho se insere. Nosso argumento é o de que, muito embora os aspectos quantitativos e macroeconômicos tais como os altos custos das tarifas e o perfil sociodemográfico dos usuários de telefone celular esteja bem documentado em diversos estudos sobre a América Latina, e tenha papel relevante para o argumento de que a implementação de políticas públicas de inclusão digital é cada vez mais necessária, essa mesma formulação de políticas públicas em muito pode se beneficiar de estudos acadêmicos que também se ocupem de um viés que privilegie uma abordagem qualitativa. Outro argumento importante é o de que muito pouco se tem estudado sobre a apropriação de telefones celulares por um viés de gênero.

No registro da universalização do acesso entre as populações de renda mais baixa, nada parece ter sido mais importante do que o advento dos celulares com oferta de planos pré-pagos, que começaram a ser oferecidos pelas operadoras em 1998, quando o sistema público foi privatizado (ANATEL, 2008). Em 1991, o Brasil contava com apenas sete mil usuários de telefone celular; em 1998, ano da privatização, esse número subiu para sete milhões; e no final de 2008, dezoito anos após o início do funcionamento dos serviços de telefonia móvel, o número de celulares em funcionamento passava de 150 milhões – mais especificamente, 150,6 milhões (ANATEL, 2008). Dados mais atualizados (TELECO, 2010) revelam que, em novembro de 2009, o número de celulares em operação era de 169.753.909 - ou seja, quase 170 milhões, o que significa 163 milhões de acessos a mais ou um aumento extraordinário de 2.328% em onze anos. Em comparação, o número de acessos à telefonia fixa não sofreu grandes alterações após a privatização, encerrando 2008 com 41 milhões de acessos (ANATEL, 2008). Já em âmbito mundial, Castells et al (2007) igualmente sublinham o importante papel da privatização e da introdução dos sistemas pré-pagos em tornar a telefonia móvel acessível aos segmentos menos favorecidos economicamente da população. Muito embora, como defende Castells em outro lugar (Castells, 2008), os altos custos da telefonia móvel praticados em diversos países da América Latina não encontram uma justificativa tecnológica – são produto de políticas empresariais e, portanto, passíveis de maior regulamentação por meio de políticas públicas.

Números como esses colocam o Brasil entre os maiores mercados globais de telefonia. De acordo com Castells et al (2007) em 2004 o Brasil figurava entre os seis maiores mercados globais; em 2008, de acordo com dados da ANATEL (2008) o Brasil avançou para a quinta posição no ranking internacional, ficando atrás em número de acessos habilitados apenas da China (575 milhões de acessos), Estados Unidos (259 milhões), Índia (257 milhões) e Rússia (168 milhões). Dos 170 milhões de celulares em operação no Brasil no final de 2009, 82,34% operavam no sistema pré-pago e apenas 17,66% mantinham um plano por contrato pós-pago (TELECO,

2010). A taxa de teledensidade móvel indicava em novembro de 2009 que havia 88,34 celulares por grupo de 100 habitantes no Brasil (TELECO, 2010), o que indica uma diferença bastante significativa em relação aos tempos da estatal Telebrás – somados os números da telefonia fixa e móvel, o Brasil era, no final de 1997, próximo do fim do monopólio estatal, um país em que apenas 13 pessoas (13,4 sendo o número exato) por grupo de 100 habitantes tinham acesso à telefonia; três anos depois, em 2000, a teledensidade subiu para 32,4; e em 2008 praticamente atingiu a totalidade da população brasileira, com 99 brasileiros (99,4) por grupo de 100 habitantes com acesso à telefonia, fixa ou móvel. Vale lembrar que os dados sobre teledensidade da ANATEL dão conta do número de acessos habilitados sem considerar o número de pessoas que possuem mais de um acesso. Para avaliar as taxas de penetração do telefone celular na população em geral, é preciso recorrer aos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que no âmbito da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – realizou pela segunda vez em 2008 (a primeira foi na PNAD de 2005) o levantamento intitulado “Acesso à Internet e Posse de Telefone Celular Móvel para Uso Pessoal”. A análise dos dados colhidos na PNAD 2008 revela que, na população brasileira com dez anos de idade ou mais, cerca de 86 milhões de pessoas, ou 53,8% da população, possuem celular.; em 2005, o percentual era de 36,6%, o que correspondia a 56 milhões de pessoas. Os dados também sublinham o crescimento acelerado do consumo de celulares no período: embora entre 2005 e 2008 a população acima de dez anos tenha crescido apenas 5,4%, o contingente daqueles que possuíam celular aumentou dez vezes, ficando em 54,9% (IBGE, 2009). Os dados sublinham a preferência de grande parte dos brasileiros pelo telefone celular em detrimento do fixo: 44,7% dos brasileiros que possuem celular não tem telefone fixo no domicílio em que residem (IBGE, 2009). Outro dado significativo diz respeito à posse de telefone celular segundo as classes de rendimento domiciliar *per capita*: entre as faixas mais altas de rendimento na PNAD (entre três e cinco salários mínimos¹ e acima) a taxa de penetração ultrapassa 80%. Entre os que ganham de 1 a 2 salários mínimos, 63,4% têm celular; e entre aqueles que recebem de 2 a 3 salários mínimos, o percentual é de 74,7%.

Em que pese o extraordinário fato de que mais de 150 milhões de pessoas que, em muitos casos, não tinham telefone algum passaram a ser usuárias de telefonia através dos celulares no espaço de pouco mais de dez anos – apesar de os custos de telefonia móvel no Brasil estarem reconhecidamente entre os mais altos do mundo (Barrantes; Galperin, 2008), muito pouco se têm estudado na academia sobre o caso brasileiro. Uma louvável exceção é o estudo de Botelho (2008) que, através de uma abordagem quantitativa, logrou realizar um dos poucos estudos sobre os usuários brasileiros de telefone celular. Outro ponto a considerar é que apenas há pouco tempo políticas públicas que envolvem o uso de telefone celular passaram a ser implementadas pelas autoridades brasileiras. Mais recentemente, operadoras de telefonia no Brasil e o governo passaram a se preocupar em patrocinar projetos de inclusão social e digital que contemplassem as tecnologias móveis. As Secretarias de Saúde e de Gestão Pública do Estado de São Paulo, em parceria com a operadora Vivo, enviaram mais de 4 milhões de mensagens de texto com conteúdo social em 2009 – é o chamado “torpedo social” (TORPEDOS MOBILIZAM...). O torpedo social pode ser direcionado às ações de saúde, segurança

¹ Em 2008 e 2009, o valor do salário mínimo vigente no Brasil era de R\$ 465,00; a partir janeiro de 2010, o valor subiu para R\$ 510,00.

pública e defesa civil. Em São Paulo, entre janeiro e março de 2009, mais de dois milhões de paulistanos receberam um torpedo educativo contra a dengue, cuja mensagem dizia: “evite água parada em pneus, garrafas e vasos”. A mesma estratégia foi utilizada para incentivar doações de sangue no maior hemocentro do capital paulista; e em 2008, o envio de mais de três milhões de “torpedos sociais” contribuiu para a arrecadação de fundos para a Defesa Civil de Santa Catarina durante a tragédia das chuvas e desabamentos de novembro daquele ano. Já o operadora Oi, através do instituto Oi Futuro, patrocina um projeto que também opera com foco no envio de mensagens de texto: é o “Alô Cidadão”, que funciona na cidade de Belo Horizonte² (PROJETO DE INCLUSÃO...). Também recentemente, a agência reguladora brasileira – ANATEL – obrigou as operadoras de telefonia celular a não cobrarem por chamadas para números de emergência. Serviços governamentais como, por exemplo, o número 180 (Disque-Denúncia sobre Violência contra a Mulher) passaram a aceitar chamadas originadas de telefones celulares.

Além do trabalho de Botelho (2008), já citado, o estudo de Sorj (2003) sobre a desigualdade na chamada “Sociedade da Informação” é um dos poucos trabalhos no âmbito da academia brasileira a tratar da questão dos telefones celulares pela ótica da discussão de políticas de inclusão digital, destacando-se por pensar a questão no bojo da rápida disseminação dos celulares entre as camadas populares, ocorrida no Brasil nos primeiros anos do século XXI. Contra argumentos que sugeriam que as camadas populares, no final dos anos noventa, estavam sendo induzidas pela publicidade a comprar um produto “desnecessário” (os celulares pré-pagos), cujas tarifas eram bem mais altas que a telefonia fixa, Sorj lembra que as camadas populares não são tão facilmente manipuláveis pela ideologia dominante. O autor ressalta a apropriação criativa do celular feita pelas camadas populares, para fazer frente aos altos custos da telefonia no Brasil: o celular pré-pago é utilizado mais para receber chamadas e mensagens; para fazer chamadas, usa-se um telefone público. Para Sorj, em uma cidade como, por exemplo, o Rio de Janeiro, onde mais da metade da população – e nos setores de baixa renda, a maioria – se encontra no setor informal, poder ser localizado através de um telefone que se carrega consigo aumenta as possibilidades de encontrar trabalho e, portanto, gerar renda: “com o telefone celular, carpinteiros, pintores, bombeiros, faxineiras, pedreiros [...] aumentaram enormemente as possibilidades de serem localizados para realizarem um serviço” (SORJ, 2003, p. 21).

Apoiando-me na perspectiva metodológica do estudo realizado por Gitau, Donner e Marsden (2009) entre mulheres de baixa renda da África do Sul, que utilizaram pela primeira vez a Internet não através de computadores, mas sim através de um projeto social que propiciava acesso à rede mundial por telefones celulares, gostaria de uma vez mais reforçar o argumento de que a justificativa para a relevância da

² O projeto foi criado pelo Instituto Hartmann Regueira, que em 2005 foi premiado pelo projeto Novos Brasis, do antigo Instituto Telemar, atual Instituto Oi Futuro. O projeto também é patrocinado pela Okto, empresa que desenvolveu a ferramenta que permite o envio das mensagens SMS para celulares de qualquer operadora. Agentes comunitárias do Projeto Alô Cidadão o divulgam para as pessoas de uma comunidade de camadas populares de Belo Horizonte. Os cidadãos se cadastram para receberem os torpedos. Os moradores cadastrados recebem em média duas mensagens por dia, de segunda a sexta-feira. São mensagens relativas a oportunidades de emprego, saúde, cidadania, educação, dicas de eventos culturais, entre outros. Para se cadastrar o morador lê e assina uma autorização, além de preencher uma ficha de cadastro. Um vídeo do projeto está disponível no site YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=ZNRcCj8pAM&feature=related>

investigação aqui proposta apóia-se na visão de que a questão do uso de novas tecnologias de comunicação e informação para o desenvolvimento beneficia-se de uma perspectiva que transcenda aspectos econômicos. Como constata o estudo de Bonina e Rivero (2008) responder se os telefones celulares podem efetivamente reduzir a pobreza na América Latina ainda é uma questão em aberto – e a ajuda para a resposta pode vir, acredito, de mais estudos de caráter qualitativo. Assim, Gitau, Donner e Marsden (2009) argumentam que, muito embora tenham constatado o uso da Internet em atividades econômicas, puderam perceber através dos dados empíricos o quanto a discussão sobre o “desenvolvimento” pode ir além do meramente econômico: a apropriação da Internet móvel pelas mulheres africanas de baixa renda por eles estudadas teve impacto significativo em suas perspectivas sociais e pessoais, suas redes de relações e seus papéis sociais. Pensando no caso brasileiro – que tem sido bem menos estudado do que o caso africano – é verdade tanto que o fenômeno da avassaladora disseminação dos telefones celulares entre camadas populares é pouco estudado, tanto que o fato de que menos estudos há ainda que proponham um recorte de gênero e uma abordagem antropológica que privilegie como metodologia o trabalho de campo de caráter etnográfico. Nesse sentido, acredito que, tanto quanto as abordagens quantitativas, investigações que se preocupem com o nível micro das análises sociais são igualmente relevantes para a formulação de políticas públicas de inclusão digital.

Objetivos

Objetivo geral

Caracterizar e analisar criticamente, através de uma abordagem antropológica que privilegie uma leitura sociocultural dos fenômenos observados, os modos de apropriação dos telefones celulares entre mulheres em situação de vulnerabilidade social, moradoras da Vila Sandra, um bairro de camadas populares da cidade de Curitiba, situada no Estado do Paraná, na região sul do Brasil.

Objetivos específicos

- Analisar o impacto dos telefones celulares nas relações de gênero;
- Caracterizar o papel da telefonia móvel nos cuidados cotidianos dessas mulheres com seus filhos;
- Verificar a incidência do uso do telefone celular na geração de renda;
- Investigar as dinâmicas da apropriação do telefone celular em redes de apoio entre mulheres, seja de caráter religioso, de parentesco, ou de outra natureza.

Metodologia

A metodologia de trabalho proposta para esta investigação é o trabalho de campo de caráter etnográfico, que privilegia contato intenso com os sujeitos de pesquisa – uma verdadeira imersão do pesquisador no universo dos sujeitos pesquisados, com a conseqüente formação de um laço de confiança entre o pesquisador e seus informantes de pesquisa.

De fato, gostaria de ressaltar que o trabalho que informa a perspectiva metodológica aqui proposta é o estudo etnográfico sobre a apropriação de telefones celulares por populações de baixa renda, realizado por Horst e Miller (2006) na Jamaica, um dos poucos trabalhos antropológicos sobre o tema publicados em livro. Para Horst e Miller, a etnografia pressupõe necessariamente uma sensibilização por parte do pesquisador em relação às perspectivas dos informantes durante o trabalho de campo, a qual somente se torna possível através da empatia que se forma entre pesquisador e pesquisados no decorrer do encontro etnográfico. Em especial no caso de grupos populares, trata-se, acima de tudo, de resistir à generalizações simplistas acerca do que seja a experiência de viver em um bairro de camadas populares.

A duração proposta para o trabalho de campo na Vila Sandra é de oito semanas, ao longo das quais as técnicas utilizadas serão a observação participante e a realização de entrevistas em profundidade. O número estimado de entrevistas a serem realizadas é de trinta. As entrevistas serão gravadas, com a devida permissão das informantes, e posteriormente transcritas para análise do material etnográfico. As entrevistas seguirão um roteiro que, de acordo com o método etnográfico, é composto de perguntas abertas que possibilitem ao máximo a livre expressão dos sujeitos de pesquisa, com a menor interferência possível por parte do pesquisador. O material empírico também poderá incluir a análise de mensagens de texto que venham a estar armazenadas nos telefones celulares das informantes.

Levando-se em consideração que as informantes de pesquisa deverão ser mulheres em situação de vulnerabilidade social, adotaremos como critério de inclusão na amostra as mulheres, moradoras da Vila Sandra, que estiverem cadastradas como beneficiárias do Programa Bolsa-Família, do Governo Federal brasileiro. Portanto, serão mulheres mães de família, já que a condição para a inclusão no Programa é que os filhos das famílias beneficiadas freqüentem regularmente a escola³.

O planejamento da logística do trabalho de campo começa pelos contatos iniciais através dos quais surgirão as primeiras informantes da pesquisa. O cadastro de beneficiárias do Bolsa-Família na Vila Sandra pode ser obtido através da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Curitiba, que administra localmente a distribuição dos recursos do Governo Federal. Além disso, há outras duas portas de entrada institucionais para travar contato com as mulheres da Vila Sandra: de um lado, a Associação Comunitária das Famílias da Vila Sandra e, de outro, a Creche Vila Sandra, que é administrada por uma das universidades locais (Universidade Positivo) e serve de laboratório para o curso de Pedagogia da instituição. Através das assistentes sociais que trabalham nessas instituições, a pesquisadora e sua assistente serão apresentadas a uma líder comunitária (que poderá tornar-se uma interlocutora-chave), que por sua vez poderá apresentar outras mulheres da Vila Sandra que, de acordo com os critérios estabelecidos para inclusão na amostra,

³ De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social, o “Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. O Programa integra o Fome Zero que tem como objetivo assegurar o direito humano à alimentação adequada, promovendo a segurança alimentar e nutricional e contribuindo para a conquista da cidadania pela população mais vulnerável à fome. O Bolsa Família atende mais de 12 milhões de famílias em todo território nacional. A depender da renda familiar por pessoa (limitada a R\$ 140), do número e da idade dos filhos, o valor do benefício recebido pela família pode variar entre R\$ 22 a R\$ 200. Diversos estudos apontam para a contribuição do Programa na redução das desigualdades sociais e da pobreza”. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>> Acesso em: 29 jul. 2010.

possam vir a ser informantes da pesquisa, de acordo com a metodologia “bola de neve” (Horst e Miller, 2006).

Orçamento (Presupuesto)

Tipo de Despesa	Total
Honorários pesquisadora	USD 2,800
Assistente de pesquisa	USD 1,200
Combustível, alimentação, material de escritório e demais despesas	USD 2,000
TOTAL	USD 6,000

Cronograma

Atividade	Início	Término
Revisão de literatura e planejamento do trabalho de campo; pré-teste e eventuais ajustes do roteiro de entrevistas	18 de agosto de 2010	22 de agosto de 2010
Realização do trabalho de campo (oito semanas) e concomitante codificação dos dados etnográficos	23 de agosto de 2010	17 de outubro de 2010
Análise dos dados etnográficos	18 de outubro de 2010	31 de outubro de 2010
Redação e apresentação do Relatório Parcial	01 de novembro de 2010	15 de novembro de 2010
Redação e apresentação Relatório Final	16 de novembro de 2010	10 de janeiro de 2011

Bibliografia

ANATEL. **Relatório Anual 2008**. Brasília: Agência Nacional de Telecomunicações, 2008. Disponível em: <www.anatel.gov.br> Acesso em: 23 jul. 2010.

BAR, François; PISANI, Francis; WEBER, Matthew. Mobile technology appropriation in a distant mirror: baroque infiltration, creolization and cannibalism. In: **Seminário sobre Desarrollo Económico, Desarrollo Social y Comunicaciones Móviles en América Latina**. Buenos Aires: Fundación Telefónica, 2007. Disponível em: <<http://abaporu.net>> Acesso em: 20 jul. 2010.

BONINA, Carla; RIVERO, Martín. **Mobile telephony and digital poverty in Latin America. Can the expansion of cellular telephones reduce poverty?** Lima: DIRSI, 2008. (Young researchers competition series, 3). Disponível em: < <http://dirsi.net/node/119> > Acesso em: 28 jul. 2010.

BOTELHO, Antonio. **Mobile opportunities: poverty and telephony access in Latin America and the Caribbean. The case of Brazil.** Lima: DIRSI, 2008. Disponível em: < <http://dirsi.net/node/421> > Acesso em: 26 jul. 2010.

CASTELLS, Manuel. Afterword. In: KATZ, James E. **Handbook of Mobile Communication Studies.** Cambridge: MIT Press, 2008, p. 447-451.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society: a global perspective.** Cambridge: MIT Press, 2007.

BARRANTES; Roxana; GALPERÍN, Hernan. **Can the poor afford mobile telephony? Evidence from Latin America.** Lima: DIRSI, 2008. Disponível em: < <http://dirsi.net> > Acesso em: 26 jul. 2010.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

GITAU, Shikoh; DONNER, Jonathan; MARSDEN, Gary. "I - Internet? Intle" (beautiful): exploring first-time Internet use via mobile phones in a South African women's collective. Artigo apresentado na Third International Development Informatics Association Conference, Berg-en-Dal, Kruger National Park, South Africa em 28-30 de outubro de 2009. Disponível em: <www.jonathandonner.com > Acesso em: 22 jul. 2010.

HORST, Heather; MILLER, Daniel. **The Cell Phone: an anthropology of communication.** Oxford; Berg, 2006.

IBGE. PNAD 2005-2008 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). **Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel para Uso Pessoal 2008.** Rio de Janeiro: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet2008/internet.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2010.

MUJICA, Jaris. **Estratégias locais de acesso a la telefonía móvil. Funciones y estructuras del mercado informal en un espacio de escasos recursos.** Lima: DIRSI, 2007. (Série Concurso de Jóvenes Investigadores, 3). Disponível em: < <http://dirsi.net/node/121> > Acesso em: 28 jul. 2010.

PROJETO DE INCLUSÃO AMPLIA USO DE TECNOLOGIAS MÓVEIS. **Pauta Social**, 27 mai. 2008. Disponível em: <www.pautasocial.com.br> Acesso em: 14 jul. 2010.

SANTOS, Simone [pseudônimo]. **Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

TELECO. Estatísticas de Celulares no Brasil. **Teleco: Informações em Telecomunicações**, 2010. Disponível em: < <http://www.teleco.com.br/ncel.asp> > Acesso em: 14 jul. 2010.

TORPEDOS MOBILIZAM BRASILEIROS. **Portal G1**, 11 mar. 2009. Disponível em: <www.g1.com.br > Acesso em: 14 jul. 2010.

ZALUAR, Alba. **Integração Perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.